

# DA “CIÊNCIA FILOSÓFICA” À RELIGIÃO INSTITUCIONALIZADA: O ESPIRITISMO ENTRE A LAICIDADE FRANCESA E A SECULARIZAÇÃO NO BRASIL

Adair Ribeiro Júnior<sup>54</sup>

## INTRODUÇÃO

A trajetória transcontinental do espiritismo constitui um estudo de caso significativo para a investigação de alguns conceitos que são fundamentais para a Ciência da Religião: secularização, laicidade e a própria definição de religião. Na França secularizada do século XIX, Allan Kardec apresentou o espiritismo com uma estrutura científico-filosófico-moral, distanciando-se da conceituação de religião tradicional de sua época, representada pela igreja católica, possivelmente como estratégia para legitimá-lo naquele contexto social. No Brasil, um cenário de forte *habitus* (BOURDIEU, 2007) católico e com uma secularização menos radical, a obra kardecista foi reinterpretada com um acentuado teor religioso.

Alguns estudiosos consideram que a religiosidade dos brasileiros constitui um dos aspectos distintivos da cultura nacional. Droogers (1987) sugere que há um elemento em nossa cultura que se manifesta no que ele denominou de “religiosidade mínima brasileira” (RMB); uma religiosidade que se expressa publicamente em contextos seculares, sendo disseminada tanto pelos meios de comunicação de massa quanto pela linguagem cotidiana. Segundo o pesquisador, a RMB não existe em função de outras religiosidades e religiões, pois ela possui seu próprio ambiente, não suscitando debates sobre sua veracidade e não reconhecendo ortodoxia ou

---

<sup>54</sup> Mestrando em Ciência da Religião na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Especialização em Ciência da Religião - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2022-2024). Curador do Museu AKOL – AllanKardec online. Pesquisador Núcleo de Estudos de História do Espiritismo do CNPq (NUESHE). Email: adairrj@gmail.com.

heterodoxia. A ideia central da RMB é a fé em um Deus mais imanente do que transcendente, associada a um uso patriótico deste Deus: “Deus é brasileiro” (DROOGERS, 1987, p. 76). Segundo Droogers, a RMB constitui o verdadeiro substrato religioso das religiões que compõem o “mercado brasileiro”; ela assegura uma “postura religiosa mínima” que pode ser complementada pelas religiões tradicionais. A RMB aproxima-se de uma “religião geral”, desprovida de clero, onde os indivíduos atuam como seus porta-vozes, um fenômeno universal que existe apenas no singular como um conceito abstrato dos estudiosos. Trata-se de um tipo ideal, no sentido weberiano, que reside apenas em “nossa mente”, uma religiosidade geral e mínima que se manifesta através da linguagem na sociedade como um todo. Embora amplamente presente, ela passa despercebida, não se destaca por rituais, instituições, textos sagrados, clero etc., não podendo ser compreendida fora da tensão entre “unidade” e “diversidade” presentes na sociedade brasileira. Devido ao seu caráter geral e sua ação imperceptível, destacando atitudes comuns e ocultando diferenças e conflitos, a RMB desempenha um papel significativo no processo de unificação do religioso com os aspectos econômicos, políticos e a dinâmica social. “Assim, a RMB contribui para a formação de uma identidade cultural brasileira e para a supressão de tensões e conflitos, tanto religiosos como seculares” (DROOGERS, 1987, p. 86).

Diferentemente do ocorrido na França, o espiritismo se institucionalizou no Brasil como religião, adaptando-se e dialogando com um novo contexto e substrato religioso, social e político, impulsionada principalmente pela Federação Espírita Brasileira (FEB) e por figuras carismáticas como o médium Chico Xavier.

## **CONCEITOS E METODOLOGIAS NECESSÁRIOS AO PRESENTE ESTUDO**

A dualidade que se observa entre a caracterização do espiritismo em sua origem francesa e na sua transplantação e acultramento em território brasileiro demonstra como o fenômeno religioso é uma

construção social, reforçando a necessidade de que, à luz da Ciência da Religião, as análises sejam realizadas em seus contextos históricos, sociais e culturais específicos, utilizando ferramentas conceituais que permitam compreender múltiplas manifestações e transformações. Berger (1985) defende o uso de um “conceito aberto” para se definir religião.

Somente depois que o teólogo tiver enfrentado a relatividade histórica da religião, é que ele poderá perguntar genuinamente onde nessa história talvez se possa falar de descobertas que transcendem o caráter relativo de suas infra-estruturas. E somente depois que ele dominar realmente o que significa dizer que a religião é uma projeção ou um produto humano, é que ele pode começar a procurar, dentro deste conjunto de projeções, os possíveis sinais de transcendência (BERGER, 1985, p. 192).

O caminho percorrido pelo espiritismo revela como uma doutrina que se pretendeu primariamente científico e filosófico, com consequências morais, interagiu com diferentes contextos históricos e culturais, transformando sua identidade e o seu lugar no campo social e religioso brasileiro. Os fenômenos verificados nos dois países é objeto de estudo pela Ciência da Religião, cuja disciplina em sua essência constituiu-se como um campo de estudo acadêmico dedicado à investigação sistemática e empírica das religiões em todos os tempos e lugares (WACH, 2018). Distinguindo-se da teologia, a disciplina busca analisar o fenômeno religioso com rigor metodológico (PASSOS, 2015), evitando julgamentos de valor de fundo teológico ou de proselitismo. Para tanto, adota uma posição científica, tratando a religião como um fenômeno humano, produto da atividade e consciência humanas, que pode ser investigado de maneira empírica (BERGER, 1985). Essa abordagem requer o que Peter Berger chama de “ateísmo metodológico”, que coloca entre parênteses a questão do *status* ontológico último da religião, focando-se no que é empiricamente observável (BERGER, 1985, p. 112). Central para esta

perspectiva é a necessidade do uso de um conceito aberto para se definir “religião”, que seja capaz de abarcar a multiplicidade de suas manifestações históricas e geográficas, sem se restringir a definições pré-teóricas, muitas vezes generalizantes e centradas em fenômenos de origem cristã.

Evans-Pritchard, conforme apresentado na obra de Daniel Pals (2019, p. 316), via a religião como um produto humano passível de análise empírica. O sociólogo Peter Berger, por sua vez, embora use uma concepção convencional da *Religionswissenschaft* (ciência da religião ou estudo da religião, em português), define-a explicitamente em termos da “postulação de um cosmos sagrado”, também encarando a religião como projeção humana (BERGER, 1985, p. 184). Os vários teóricos mencionados na obra de Pals (2019) abordam a religião a partir de perspectivas distintas e a definem de maneiras variadas, refletindo a complexidade do fenômeno religioso e os diferentes enfoques dessa ciência. Clifford Geertz, por exemplo, define a religião como um sistema cultural que fornece sentido e motivação. Sua definição clássica é caracterizada como:

(1) um sistema de símbolos; (2) que atua estabelecendo poderosos estados de ânimo e motivações nos homens; (3) formulando concepções de uma ordem geral de existência; e (4) revestindo essas concepções com uma aura de factualidade, de modo que os estados de ânimo e motivações pareçam singularmente realistas (GEERTZ, 2008, p. 67).

A dificuldade em encontrar uma definição única e fechada para “religião” é reconhecida e objeto de discussões pelos cientistas da religião, sugerindo a necessidade de um conceito capaz de abranger as mais diversas manifestações históricas e culturais dos fenômenos religiosos. Frank Usarski, um dos organizadores do Dicionário de Ciência da Religião (USARSKI, TEIXEIRA, PASSOS, 2022, p. 785) defende que a definição de Geertz, se aproximando de um sistema simbólico, indica que cada religião possui uma plausibilidade própria com seu valor em si

mesma, impedindo que comparações de caráter qualitativo sejam feitas em relação a diferentes sistemas (culturas).

Para Passos (2015), o percurso para a institucionalização da disciplina Ciência da Religião está intrinsecamente ligado aos conceitos de secularização e laicidade. Esse último refere-se, primariamente, ao princípio da separação entre o Estado e as instituições religiosas. No imaginário moderno predominante, influenciado por este regramento, a religião é frequentemente vista como um assunto privado, restrito ao âmbito das confissões e da consciência individual. Segundo Ranquetat Júnior (2009, p. 69), a secularização, conceito polissêmico e multifacetado, descreve um processo histórico mais amplo que inclui o termo cunhado por Max Weber, “desencantamento do mundo” (desmagificação). Este processo envolve a rejeição da magia sacramental como via de salvação e a transformação do mundo, pela ciência experimental moderna, em um mecanismo causal explicável pelo cálculo (racionalização). Para Berger (1985), a secularização, cujas raízes no ocidente remontam ao Antigo Testamento e ganharam força com o protestantismo, embora seja um fenômeno multifatorial, pode ser definido como

o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos. Quando falamos sobre a história ocidental moderna, a secularização manifesta-se na retirada das Igrejas cristãs de áreas que antes estavam sob seu controle ou influência: separação da Igreja e do Estado, expropriação das terras da Igreja, ou emancipação da educação do poder eclesástico, por exemplo (BERGER, 1985, p. 119).

De acordo com Pierucci (1998), a secularização não implica necessariamente o desaparecimento da religião, mas sim uma mudança em sua posição social e na consciência individual, o que Berger (1985, p. 162) chamou de “subjetivização”. Segundo o entendimento de Berger

(1985, P. 180), “o futuro da religião em qualquer lugar será modelado decisivamente pelas forças que foram discutidas [...] – secularização, pluralização e ‘subjativização’ – e pelas formas com que as diversas instituições religiosas reagirem a essas forças”.

## **O ESPIRITISMO NASCENTE NA FRANÇA: UM PRODUTO DA SECULARIZAÇÃO?**

O espiritismo emergiu na França na segunda metade do século XIX sob a responsabilidade de Allan Kardec (pseudônimo adotado por Denizard Hippolyte Léon Rivail, 1804-1869), em um período marcado pela busca por leis naturais e sociais, alinhado ao “*espírito da época* vigente na França, que afirmava a inexistência do sobrenatural” (CAMURÇA, 2022, p. 27, grifo do autor). Kardec concebeu sua doutrina como uma estrutura do tipo científico-filosófico-moral, baseada na investigação metódica dos fenômenos psíquicos (metafísicos) e na busca por entender a relação entre um suposto mundo espiritual e o material, através de pretensão rigor das ciências positivas e dos métodos experimentais (PIMENTEL, 2014). Com produção literária elaborada no período de 1857 a 1869, Segundo Kardec (2019 [1865], p. 8), o espiritismo é uma “ciência de observação e uma doutrina filosófica”, cujo objeto “trata da natureza, origem e destino dos Espíritos”. Kardec (1868, pp. 483-495) se esforçou para distinguir o espiritismo das práticas religiosas tradicionais, afirmando que ele não seria uma religião no “sentido comum do termo”, que associava a rituais, sacerdotes, cerimônias e formas específicas de adoração, características que, para ele, a doutrina espírita não possuía. Para o seu fundador, o espiritismo seria uma religião apenas no seu “sentido filosófico”, com consequências morais e religiosas como qualquer outra ciência filosófica (KARDEC, 1859a, p. 206; 1861, p. 486; 2019 [1865], p. 83).

**O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica.**

**Como ciência prática ele consiste nas relações que podem ser estabelecidas com os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que decorrem dessas mesmas relações. Podemos defini-lo assim: O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal** (KARDEC, 2019 [1865], p. 8, grifos do autor).

De acordo com o *Nouveau Dictionnaire Universel* (LACHÂTRE<sup>55</sup>, 1870), uma boa definição de religião seria a busca de Deus pelo ser humano, pois Deus é o bem, o justo, o belo, o verdadeiro; seria a lei universal que abrange todos os seres animados e inanimados. Consequentemente, qualquer religião que conduzisse o ser humano à organização do bem, do justo, do belo, do verdadeiro, ao desenvolvimento de todas as suas faculdades físicas ou morais, deveria ser apresentada como ensinamento e como prática. A partir de sua proposta, o autor da obra defendeu que o “Espiritismo e a Filosofia podem ser considerados, sem dúvida, as melhores religiões” (LACHÂTRE, 1870, p. 1.234, tradução nossa). Lachâtre entendeu que tanto o espiritismo como a própria filosofia seriam tipos de “religião”.

Durante o surgimento do espiritismo, a França, influenciada pelo liberalismo, encontrava-se em um processo de secularização e busca pela laicização. A separação entre Igreja e Estado ganhou força após a Revolução Francesa, com a premissa de que o Estado não deveria intervir na esfera religiosa, enquanto a Igreja deveria manter-se afastada dos assuntos estatais. Nesse contexto, Kardec procurou distinguir o espiritismo das práticas religiosas tradicionais e dogmáticas, posicionando-o como compatível com a ciência de seu tempo e marcado por um forte racionalismo.

---

<sup>55</sup> Maurice Lachâtre (1814-1900) foi editor, ativista político e responsável pela edição francesa de *O Capital* de Karl Marx, publicada em fascículos no período de 1872 a 1875 (HUARD, 2020).

Podemos interpretar a postura de Kardec, à luz do conceito de secularização de Berger (1985), como uma resposta direta ao ambiente social e intelectual francês. Em uma sociedade onde setores da cultura e da ciência estavam se subtraindo “à dominação das instituições e símbolos religiosos” (BERGER, 1985, p. 119), apresentar o espiritismo primariamente como ciência e filosofia, e não como religião dogmática com rituais e clero, pode ser entendido como uma estratégia de legitimação e inserção dentro daquele contexto secularizante. Ao rejeitar a qualificação de “religião” no sentido tradicional do termo, Kardec estava, possivelmente de forma inconsciente, alinhando o espiritismo com a tendência resultante da secularização, que desvalorizava as formas institucionais e dogmáticas da religião hegemônica (católica). Ele buscava posicionar o espiritismo em esferas (ciência, filosofia, moral) que estavam adquirindo autonomia e prestígio em relação à religião institucionalizada.

A descrição do espiritismo como uma religião diferenciada ou “religião laica”, como proposto por alguns pesquisadores (AUBRÉE, LAPLANTINE, 1990, p. 54), ressalta precisamente essa busca por uma forma de espiritualidade ou crença que fosse compatível com um mundo cada vez mais laico. Marion Aubrée e François Laplantine (1990) definiram o espiritismo como um movimento social não confessional baseado na ciência e de livres pensadores. Essa perspectiva aponta para a natureza peculiar do espiritismo nascente, que buscava situar-se entre a ciência e a espiritualidade, rompendo com o dogmatismo religioso tradicional, sem vínculos formais com as religiões instituídas.

No entanto, a percepção externa divergiu. A igreja católica, o principal agente no campo religioso francês, rapidamente enxergou o espiritismo como uma “nova religião” ou “seita” competidora (CHESNEL, 1859a, p. 1, 1859b, p. 3). Essa reação ilustra como a dinâmica do “campo religioso” e a disputa por “bens religiosos” (BOURDIEU, 2007) podem influenciar na categorização de um fenômeno. Na estatística de 1869 (KARDEC, 1869, pp. 19-29), o número de espíritas na França foi estimado na ordem de 600.000 adeptos. Apesar do crescimento experimentado naquele país, nos censos oficiais religiosos de 1861, 1866 e 1872

(STATISTIQUE DE LA FRANCE, 1873) não houve registro de adeptos espíritas, em uma população predominantemente católica (Tabela 1).

**Tabela 1** – Cultos religiosos na França do século XIX

Cultos	1851	1861	1866	1872
1. Católicos Romanos	34.931.032	36.490.891	37.107.212	35.387.703
2. Protestantes	748.332	802.339	846.619	580.557
2.1 Reformados	480.507	480.436	515.759	467.531
2.2 Luteranos	267.525	281.642	286.506	80.117
2.3 Outros	-	40.261	44.354	33.109
3. Israelitas	73.965	79.964	89.047	49.439
4. Outros cultos	26.348	1.295	1.400	3.071
5. Sem culto	3.483	11.824	22.786	81.951
<b>Total da população</b>	<b>35.783.170</b>	<b>37.386.313</b>	<b>38.067.064</b>	<b>36.102.921</b>

Fonte: Elaborado pelo autor (2025) a partir da *Statistique de la France*, tome 21, Paris, 1873.

## A INSTITUCIONALIZAÇÃO RELIGIOSA NO BRASIL: ADAPTAÇÃO EM UM CONTEXTO DISTINTO DE SECULARIZAÇÃO

Ao chegar ao Brasil, o espiritismo encontrou um cenário histórico, político e social significativamente diferente. No Brasil Império, a religião católica detinha o *status* de religião oficial e moldava o imaginário e as práticas religiosas da população. A obra de Kardec foi interpretada com um destacado teor religioso, com forte presença da teologia católica. Lideranças espíritas e a FEB, gradualmente promoveram a definição do espiritismo como religião, em tensão e disputas com outros entendimentos e interpretações (RIBEIRO JÚNIOR, 2022).

O processo de secularização no Brasil, propiciado pela Constituição de 1891, que separou formalmente Igreja e Estado, não teve a mesma relevância política e aplicabilidade prática observada na França. O caso brasileiro se assemelha a uma “quase laicidade”, onde, apesar da separação

formal, persistiram “vínculos, compromissos, [e] acomodações” entre o Estado e a igreja majoritária (RANQUETAT JÚNIOR, 2009, p. 72). Nesse ambiente, o espiritismo enfrentou resistência da igreja católica e chegou a ter suas práticas criminalizadas em 1890 (RIBEIRO JÚNIOR, 2022), o que, paradoxalmente, parece ter contribuído para uma maior organização e institucionalização dos adeptos, influenciando sua caracterização como religião, na busca por legitimidade legal e social.

Importado da França, o espiritismo sofreu uma releitura no novo ambiente cultural. A institucionalização do espiritismo no Brasil como uma “nova religião” se deu por uma combinação de fatores históricos, sociais e culturais, envolvendo a adaptação à estrutura local (influenciada pelo catolicismo e crenças e práticas indígenas e africanas). A busca por legitimidade e a atuação da FEB na uniformização doutrinária e na diferenciação de outras práticas mediúnicas foram fundamentais para este processo (ARRIBAS, 2014).

Desde a sua chegada ao Brasil, Luís Olímpio Telles de Menezes, pioneiro espírita da Bahia, e Bezerra de Menezes, no Rio de Janeiro, defenderam um espiritismo com características próprias e forte influência da teologia católica (RIBEIRO JÚNIOR, 2022). A FEB e figuras carismáticas representadas por médiuns populares, em especial, Chico Xavier, foram fundamentais no fenômeno da institucionalização como religião, consolidando uma “feição católica” ou “evangélica” à doutrina espírita, que se adaptou às crenças e práticas de um catolicismo tradicional (LEWGOY, 2004). Essas duas referências funcionaram como “estruturas de plausibilidade” (BERGER, LUCKMANN, 1985) para uma versão institucionalizada e religiosamente reconfigurada do espiritismo, tornando-a “real” para grande número de adeptos.

A realidade subjetiva depende assim [...] sempre de estruturas específicas de plausibilidade, isto é, da base social específica e dos processos sociais exigidos para sua conservação. Só é possível o indivíduo manter sua auto-identificação como pessoa

de importância em um meio que confirma esta identidade; uma pessoa só pode manter sua fé católica se conserva uma relação significativa com a comunidade católica, e assim por diante (BERGER, LUCKMANN, 1985, p. 205).

Stoll (2003) se dedicou a estudar a evolução do espiritismo no Brasil com ênfase na figura de Francisco Chico Xavier (1910-2002). Para a pesquisadora, o médium mineiro teria sido um dos principais responsáveis pela consolidação da feição católica de que se revestiu o movimento espírita no Brasil, afastando-se do cientificismo da doutrina de Kardec. Enquanto o fundador do espiritismo privilegiou o aspecto científico na França, o aspecto religioso da doutrina espírita se desenvolveu ao se adaptar ao modo de ser do brasileiro.

A transformação do espiritismo em uma religião no Brasil pode ser analisada, sob a perspectiva de Peter Berger, não como uma negação da secularização, que ocorreu no país com características distintas à França. Enquanto no país francês a tendência secularizante pode ter levado Kardec a evitar o rótulo de “religião”, no Brasil, a presença de um forte *habitus* católico e caracterizada por uma “religiosidade mínima” (DROOGERS, 1987), em um contexto de laicização menos radical, permitiram que a doutrina espírita fosse reinterpretada e encontrasse seu lugar no campo religioso brasileiro.

A transformação do caráter do espiritismo em uma religião envolveu a adaptação da doutrina de Kardec ao contexto cultural brasileiro, incorporando crenças e rituais que, em algumas ocasiões, se assemelham a práticas católicas e de outras tradições (LEWGOY, 2004). No Brasil, a religião, mesmo em um contexto de modernização, continuou a desempenhar um papel significativo na vida social. Ao ser caracterizado como uma religião, o espiritismo conseguiu construir seu “dossiê sagrado” e sua “estrutura de plausibilidade” (BERGER, 1985) para grande número de adeptos. A sua institucionalização como uma nova religião pode ser interpretada como uma estratégia para garantir

sua sobrevivência em um período de criminalização das práticas espíritas, além de possibilitar seu crescimento em um ambiente que, embora moderno, não era “indiferente a Deus e aos profetas” (WEBER *apud* PIERUCCI, 1998, p. 1), da mesma maneira que ocorreu em certas esferas seculares europeias analisadas pelo sociólogo alemão Max Weber (1864-1920) (BERGER, 1985).

## **COMPARAÇÕES ENTRE O MODELO DE ESPIRITISMO FRANCÊS E O BRASILEIRO**

Para realizar uma comparação entre as perspectivas do espiritismo na França e no Brasil, é necessário considerar que a análise não abrange os fenômenos em sua totalidade ou globalidade, mas se concentra em características específicas deles. Segundo Paden (2016, pp. 100-102), o controle analítico sobre a estrutura da comparação envolve a seleção teoricamente orientada de aspectos significativos dos fenômenos. Uma das principais funções das categorias comparativas é heurística, fornecendo instrumentos para novas descobertas, devendo-se considerar a possibilidade de sua própria diferenciação adicional, sub-tipologização e problematização por meio da análise histórica. Assim, o processo comparativo é um empreendimento dinâmico e não apenas uma repetição de morfologias fixas. Os padrões comparativos não são arquétipos atemporais que carregam valores ou significados a-históricos que são simplesmente replicados no material histórico, devendo ser exploratórios e passíveis de refinamento.

A concepção de tipo ideal constitui um elemento fundamental da doutrina epistemológica de Max Weber (1991, p. 13), referindo-se a uma construção parcial da realidade na qual o pesquisador seleciona um conjunto específico de características, destaca um ou mais elementos observados e constrói um todo inteligível, entre várias outras possibilidades. Em outras palavras, um tipo ideal representa a seleção arbitrária das características de um fenômeno a partir das inúmeras qualidades presentes na realidade. Nesse sentido, um tipo ideal serve como uma ferramenta de

pesquisa. Sua aplicação pode auxiliar na compreensão de determinados aspectos relevantes para uma situação específica em análise, por meio do confronto entre o não-real e o real, entre o idealizado e o empírico. As semelhanças, divergências ou contrastes identificados contribuem para descrever, interpretar e esclarecer a realidade investigada. Nesse contexto, Weber (1974, p. 345) esclarece que, com os tipos ideais, “não desejamos forçar esquematicamente a vida histórica infinita e multifária, mas simplesmente criar conceitos úteis para finalidades especiais e para orientação”.

Lewgoy (2004) elabora um quadro comparativo entre os diferentes modos de pensar o espiritismo na França e no Brasil, a partir de Chico Xavier, cujas características foram adotadas pela FEB. A Tabela 2 ajuda na compreensão e visualização dos dois modelos propostos pelo pesquisador.

**Tabela 2 - “Modelos de espiritismo” adaptado da proposta de Lewgoy (2004)**

Modelo de Allan Kardec	Modelo de Chico Xavier
Racionalismo.	Ênfase na “mediunidade com Jesus” uma proposta sincrética
Oposição ostensiva à igreja católica.	Oposição mais branda à igreja católica, mas absorvendo muito de seu ethos e crenças.
Desimportância do médium. Espírito crítico mais importante do que a piedade.	Suma importância do médium.
Espíritos mentores giram entre pessoas comuns (identificação diluída ou subindividuos) e espíritos históricos, ligados a uma herança cristã e clássica e alguns da nacionalidade francesa: Fénelon, Sócrates, Santo Agostinho, São Luís. Os espíritos signatários da doutrina são identificados entre clássicos, santos ou então anônimos, mas ainda assim pertencentes à classe de superindivíduos portadores de uma “nobreza espiritual” ou “superiores” na escala espirita.	Intervém os registros da mito-história nacional e de personagens do cotidiano. Há espíritos ligados à cristandade heróica dos primeiros tempos, à nação brasileira, ao mundo da literatura e à piedade espirita. Emmanuel/Manoel da Nóbrega, André Luiz/Estácio de Sá/Oswaldo Cruz, Meimei e os Literatos são exemplos típicos. Os espíritos são identificados, ou seja, sua identidade histórica predomina. Há preocupação com as provas da relação entre o espírito e o personagem histórico em vida, seja ele um herói nacional seja ele um cidadão comum. Quando são mentores, o nome espiritual é preponderante.

As redações da codificação são conjuntas, mas há muitas mensagens assinadas que ocupam um lugar de destaque.

Sistema da dívida: abolição da graça e ênfase exclusiva no mérito. Racionalismo moral abstrato.

Justiça cármica assentada na inflexibilidade da lei de causa/efeito. (\*)

Ênfase na reforma íntima. (\*\*)

A caridade é mais reflexiva.

Ênfase superlativa no estudo e na razão. Igualitarismo, cultura científica e ideologia do mérito como fator de evolução espiritual.

A unidade de trabalho é o centro espírita.

Os livros não têm autores anônimos, as mensagens são sempre assinadas pelos autores espirituais.

Sistema da dádiva convivendo com o sistema da dívida cármica, múltiplas situações em que um engloba o outro. Reingresso do circuito da intercessão e da graça, uma característica da espiritualidade católica. Ou seja, conjuga-se graça e carma, dívida e perdão. Ênfase na caridade material tendo em vista simultaneamente a evolução espiritual e a graça.

O estudo está subordinado ao culto e à piedade, como no culto do Evangelho no lar. Crítica ao intelectualismo. Piedade prática como tão ou mais importante do que a racionalidade. Enorme destaque ao papel condutor e relacional da mãe: ethos hierárquico e relacional associado ao papel dos “espíritos missionários”.

A unidade de trabalho está dividida entre o centro espírita e o lar, onde se pratica o culto do Evangelho no lar. (\*\*\*)

A atuação de Chico é completamente comandada pelo “Plano Espiritual”, sob supervisão de Emmanuel e sua “falange”. A relação com o plano espiritual é de dependência imediata e de subordinação hierárquica. O serviço mediúnico, designado de “mediunato” tem o serviço militar e público como modelos.

Kardec é compilador. Seleciona mensagens de acordo com preceitos metodológicos inspirados em princípios racionalistas. Não há subordinação pessoal imediata a um comando espiritual, mas uma subordinação mediata através da interpretação humana da doutrina espírita.

Ainda que originado no racionalismo iluminista francês, há um universalismo na proposta religiosa.

É o carisma de Chico, conferido por sua santidade e relação privilegiada com o mundo dos espíritos que funciona como penhor de sua probidade. É exemplo de sacrifício e renúncia originais no sistema espírita. A revelação está acima da razão.

Ligado à construção da nacionalidade, suas referências têm forte ênfase na história do Brasil.

**Obs.: Textos obtidos diretamente do “Modelos de Espiritismo” de Lewgoy (2004)**

Fonte: LEWGOY (2004, p. 57-59).

Entendemos que ressalvas devam ser feitas em algumas das características atribuídas ao “modelo de Allan Kardec” e ao “modelo de Chico” conforme apresentado por Lewgoy (2004). No *corpus* doutrinário do espiritismo, não há menção ao conceito de justiça cármica, carma/Karma ou mesmo à “lei de causa e efeito”. Para Kardec (2018 [1860], p. 120), a reencarnação tem uma finalidade educativa, demonstrando a justiça divina e seu propósito de promover o progresso contínuo da humanidade: “todos os Espíritos tendem para a perfeição e Deus lhes faculta os meios de alcançá-la pelas provações da vida corpórea. Mas, em sua justiça, Ele lhes concede realizar, em novas existências, o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova”. A expressão “lei de causa e efeito” surgiu pela primeira vez no Brasil no *Reformador*, periódico da FEB, em agosto de 1925 (FEB, 1925, p. 346). Outro ponto que merece atenção refere-se à expressão “reforma íntima”, que não está presente nos textos kardecistas. Segundo Kardec (1866, p. 159), o espiritismo conduziria à transformação da humanidade, por meio do aprimoramento de cada indivíduo. De acordo com o fundador do espiritismo, seu objetivo seria melhorar aqueles que o compreendem (Kardec, 1859b). A expressão “reforma íntima” surge no contexto brasileiro e apareceu no *Reformador* em julho de 1926 (FEB, 1926, p. 311), passando

a ser amplamente utilizada após Emmanuel, suposto guia espiritual do médium Chico Xavier, empregá-la pela primeira vez em um texto de 1939 (EMMANUEL, 1939, p. 327).

Segundo Lewgoy (2004, p. 42), no culto do “Evangelho no lar”, também inexistente nos textos de Kardec, o espiritismo é praticado como uma religião familiar, com preces e comentários de livros espíritas. Essa prática religiosa enfatiza a unidade familiar, e seria simultaneamente popular e polêmica no meio espírita, pois, existem adeptos que denunciam tal prática em virtude do seu caráter católico, embutido na categoria culto. Tais adeptos preferem o uso da terminologia “estudo”.

O modo católico de ser espírita inspirado na pessoa do médium parece ter sido fundamental para a transformação da doutrina originalmente francesa em um dos maiores grupos religiosos do Brasil, como uma nova religião integrante do *ethos* nacional. O modelo de Chico Xavier adotado pela FEB foi o que mais se adaptou à população brasileira e fez crescer a difusão de práticas espíritas, propiciando a unificação do movimento espírita em torno da entidade. Para Lewgoy (2004, p. 43), Chico Xavier foi responsável também por ampliar o intercâmbio com o catolicismo popular, com destaque para o papel moral, espiritual, educacional e mediador das mães. O médium diversificou a interface do espiritismo com o hábito difusamente espiritualista das camadas mais populares, permeadas por crenças na atuação de entidades invisíveis, como santos, mortos e criaturas sobrenaturais, uma visão de mundo já bem disseminada no país. Segundo Lewgoy (2001), para o modelo Chico Xavier, o estudo da doutrina espírita estaria subordinado ao culto e à piedade prática (“Evangelho no Lar”), se impondo como tão ou mais importante que a racionalidade e com críticas ao intelectualismo presentes nas obras de Kardec.

Na França, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE), entidade estabelecida por Kardec em 1858 para investigar os fenômenos espíritas, desempenhou um papel crucial na exteriorização (BERGER, LUCKMANN, 1985) de experiências internas e subjetivas, as quais foram materializadas no mundo empírico por meio de indivíduos com habilidades mediúnicas. A objetivação (BERGER, LUCKMANN, 1985) do

conhecimento espírita foi realizada através da *Revista Espírita* e das demais obras de Kardec, tornando as exteriorizações desenvolvidas pelos médiuns acessíveis a outros indivíduos. O processo de interiorização, outro conceito desenvolvido por Berger e Luckmann (1985) ocorre quando a realidade social objetivada é novamente apropriada e adquire significado subjetivo para outras pessoas. As obras de Kardec foram os principais instrumentos para esse processo. A fundação da SPEE representou um passo inicial para a institucionalização do espiritismo na França. A institucionalização, conforme Berger e Luckmann (1985), ocorre quando “ações habituais” são compartilhadas por mais de um indivíduo, transformando-se em padrões de conduta que precedem e restringem as ações individuais.

No Brasil, as obras de Kardec e a vasta produção literária de Chico Xavier desempenharam um papel crucial na disseminação do conhecimento espírita. A FEB foi fundamental para a institucionalização da doutrina espírita como religião, fundamentada principalmente nas obras de Chico Xavier (LEWGOY, 2004). De acordo com Berger e Luckmann (1985), legitimação é o processo pelo qual as instituições são explicadas e justificadas, tornando-as objetivamente acessíveis e subjetivamente plausíveis. Este processo é essencial para a transmissão da ordem institucional às novas gerações e para sua defesa contra desafios externos e internos. Ao longo de décadas, desde a introdução do espiritismo no país, o espiritismo enfrentou tensões internas relacionadas à sua caracterização pelos próprios adeptos, além de pressões de diversos agentes externos, incluindo a criminalização de suas práticas em 1890 e a forte resistência da igreja católica. A trajetória rumo à institucionalização do espiritismo como religião encontrou na FEB a principal entidade de liderança no movimento espírita (GIUMBELLI, 1997).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A dificuldade de Kardec em chamar o espiritismo de “religião” demonstra como a própria definição do termo é historicamente situada e depende do contexto social e das formas institucionais hegemônicas. A

Ciência da Religião, ao adotar um conceito aberto de religião e analisá-la como um “sistema simbólico incorporado” que fornece sentido e estrutura para os adeptos, pode estudar o espiritismo em ambas as configurações. A história do espiritismo na França e no Brasil ilustra vividamente a interação dinâmica entre doutrinas, contextos sociopolíticos e processos de institucionalização. O que nasceu como uma tentativa de conciliar a investigação científica com a dita dimensão espiritual em uma França em processo de laicização e secularização, transformou-se em uma religião com características adaptadas ao *habitus* católico e a religiosidade do brasileiro, pela adaptação cultural e influências de figuras carismáticas, como Chico Xavier, e instituições locais (FEB), e uma secularização com contornos de “quase laicidade”, como exposto por Ranquetat Júnior (2009). No Brasil, o espiritismo hegemônico claramente funciona como um sistema religioso, oferecendo quadros de sentido para seus seguidores, mesmo que parte dos adeptos não o classifique dessa maneira, e seu fundador o visse de forma diferente.

A análise da trajetória do espiritismo, portanto, não só ilumina um fenômeno religioso específico, mas também valida a necessidade, para a Ciência da Religião, de conceitos amplos para uma análise contextualizada dos fenômenos religiosos e de suas transformações, que permitam demonstrar a dinâmica complexa e contextual da religião. Estudos que discutam conceitos de secularização, laicidade e a própria dificuldade em definir “religião”, permitem que a Ciência da Religião vá além de uma simples descrição histórica, revelando os complexos mecanismos sociais e culturais que moldam as crenças e práticas humanas no campo religioso.

Esse estudo de caso sobre o espiritismo demonstra que a “religião” não é uma essência imutável, mas uma construção social e histórica, constantemente negociada e ressignificada em diferentes tempos e lugares. Este estudo reforça a necessidade do uso de um conceito aberto de religião e a importância de analisar os fenômenos religiosos em seus contextos históricos, sociais e culturais específicos, utilizando ferramentas conceituais e teóricas que permitam compreender suas múltiplas manifestações e transformações. Portanto, contribui não apenas para a

compreensão de uma importante tradição religiosa brasileira, mas também para o aprimoramento das próprias ferramentas epistemológicas e teóricas da Ciência da Religião.

## REFERÊNCIAS

ARRIBAS, Célia da Graça. **No princípio era o verbo:** espíritas e espiritismos na modernidade religiosa brasileira. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

AUBRÉE, Marion, LAPLANTINE, François. **La Table, le Livre et les Esprits.** Paris: Éditions Jean-Claude Lattès, 1990.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado:** elementos para uma teoria sociológica da religião. Luiz Roberto Benedetti (org.), tradução José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulinas, 1985.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade:** tratado de sociologia do conhecimento. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas** (org. Sérgio Miceli). São Paulo: Perspectiva, 2007.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Espiritismo em sete lições.** Petrópolis: Vozes, 2022.

CHESNEL, François. Une religion nouvelle à Paris. **L'Univers – Union Catholique**, Paris, n. 102, 13 abr. 1859a, Núm. 102. Disponível em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6969966>. Acesso em: 1 out. 2025.

CHESNEL, François. Une religion nouvelle à Paris. **L'Univers – Union Catholique**, Paris, n. 146, 28 mai. 1859b. Disponível em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k697040p/f3.item>. Acesso em: 1 out. 2025.

DROOGERS, André. A Religiosidade Mínima Brasileira. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 62-86, 1987, (coord.) Rubem César Fernandes.

EMMANUEL. Sobre o momento que passa. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, ed. 10, out. 1939. Disponível em: <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/19353>. Acesso em: 1 out. 2025.

FEB. O Espiritismo pelo mundo. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, ed. 15, 1 ago. 1925. Disponível em: <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/11631>. Acesso em: 1 out. 2025.

FEB. Alcance das manifestações espíritas. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, ed. 14, 16 jul. 1926. Disponível em: <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/12128>. Acesso em: 1 out. 2025.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos Mortos: Uma História da Condenação e Legitimação do Espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

HUARD, Raymond. Traduire Le Capital, une correspondance inédite entre Karl Marx, Friedrich Engels et l'éditeur Maurice Lachâtre, présenté et annoté par François Gaudin. **Revue d'histoire du XIXe siècle**, 60, v. 1, 2020, p. 239-241. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rh19/6943>. Acesso em: 1 out. 2025.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos, 1859a. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Disponível em <https://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1859.pdf>. Acesso em: 1 out. 2025.

KARDEC, Allan. **Qu'est-ce que le Spiritisme** – Introduction a la connaissance du monde invisible ou des Esprits. Paris: Ledoyen, 1859b.

KARDEC, Allan. **O livro dos Espíritos**. Tradução de Evandro Noleto Bezerra a partir da 2ª (1860), 4ª, 5ª, 6ª, 10ª e 12ª edições francesas. Brasília: FEB, 2018. Disponível em <https://cei-spiritistcouncil.com/wp-content/uploads/2020/07/2-0-Livro-dos-Espíritos-CEI.pdf>. Acesso em: 1 out. 2025.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos, 1861. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Disponível em <https://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1861.pdf>. Acesso em: 1 out. 2025.

KARDEC, Allan. O que é o espiritismo: introdução ao conhecimento do mundo invisível, pelas manifestações dos Espíritos. 1865. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Brasília: FEB, 2019. Disponível em: <https://cei-spiritistcouncil.com/wp-content/uploads/2020/07/4-0-que-é-o-espiritismo-CEI.pdf>. Acesso em: 1 out. 2025.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos, 1866. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Brasília, [s.d.]. Disponível em <https://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1866.pdf>. Acesso em: 1 out. 2025.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos, 1868. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Disponível em <https://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1868.pdf>. Acesso em: 1 out. 2025.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos, 1869. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Disponível em <https://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1869.pdf>. Acesso em: 1 out. 2025.

LACHÂTRE, Maurice. **Nouveau Dictionnaire Universel**. Paris: Docks de la librairie, 38 Boulevard de Sebastopol, 1870. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k50678k/f1238.image.r=religion>. Acesso em: 1 out. 2025.

LEWGOY, Bernardo. Chico Xavier e a cultura brasileira. **Revista de Antropologia**. São Paulo, v. 44, n. 1, p. 53-116, 2001.

LEWGOY, Bernardo. **O grande mediador**: Chico Xavier e cultura brasileira. Bauru: EDUSC, 2004.

PADEN, W. E. **New patterns for comparative religion**: passages to an evolutionary perspective. London, UK: Bloomsbury Academic, 2016.

PALS, Daniel L. **Nove teorias da religião**. Tradução de Caesar Souza. Petrópolis: Vozes, 2019.

PASSOS, João Décio. Epistemologia do Ensino Religioso: do Ensino à Ciência, da Ciência ao Ensino. **Rever**, Ano 15, n. 02, jul./dez, p. 26-44, 2015.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 13, n. 37, p. 43-73, jun. 1998.

PIMENTEL, Marcelo Gulão. O método de Allan Kardec para investigação dos fenômenos mediúnicos (1854-1869). **Dissertação (Mestrado em Saúde Brasileira)**, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2014.

RANQUETAT JÚNIOR, C. Laicidade, laicismo e secularização: definindo e esclarecendo conceitos. **Revista Sociais E Humanas**, v. 21, n. 1, p. 67-75, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/773>. Acesso em: 1 out. 2025.

RIBEIRO JÚNIOR, Adair. **A obra esquecida de Angeli Torteroli**: o espiritismo no Brasil e em Portugal. 1ª edição. São Paulo. CCDPE-ECM, 2022.

Statistique de La France. **Résultats Généraux Du Dénombrement De 1872**. Deuxième Série **Tome Xxi** – Population, 1873. Disponível em: <https://Gallica.Bnf.Fr/Ark:/12148/Bc6p06xrr1g/F1.Pdf>. Acesso em: 1 out 2025.

Stoll, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à Brasileira**. São Paulo, Editora Da Universidade De São Paulo. Curitiba, Editora Orion, 2003.

USARSKI, Frank; TEIXIERA, Alfredo; PASSOS, João Décio (Org.). **Dicionário de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas; Loyola; Paulus, 2022.

WACH, Joachim Ernst Adolphe Felix. Tradução: Fábio L. Stern. Os ramos da Ciência da Religião. **Rever**, v. 18, n. 2, p. 233-253, mai/ago 2018.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução Régis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Organização e introdução de H. H. Gerth e C. W. Mills. Tradução Waltensir Dutra. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982.